

# **A LINGUAGEM VERBAL EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

<http://doi.org/10.48195/sepe2021-057>

**Paola Brum<sup>1</sup>; Manuela Souza<sup>2</sup>; Luciane Najar Smeha<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo identificar aspectos importantes da linguagem verbal nas pessoas com síndrome de Down. O estudo foi realizado a partir da experiência do Estágio Básico I, curso de Psicologia da Universidade Franciscana (UFN). Trata-se da análise do documento relatório de estágio, no qual os registros das observações realizadas foram transcritos, posteriormente destacou-se todos os conteúdos sobre o tema linguagem e, na sequência, procurou-se a sustentação do material identificado a partir da literatura. Conclui-se a importância do desenvolvimento das habilidades linguísticas para a integração, autonomia e inserção social das pessoas com síndrome de Down.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Linguagem; Fala; Síndrome de Down.

**Eixo Temático:** Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS)

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo é produto da experiência de Estágio Básico I do curso de Psicologia da Universidade Franciscana (UFN), cuja proposta foi realizar a observação de encontros de um grupo de adultos com Síndrome de Down (SD), os quais fazem parte de uma associação de familiares e amigos das pessoas com SD, localizada na cidade de Santa Maria(RS).

---

<sup>1</sup> Paola Brum - Estudante de Graduação em Psicologia (UFN); paolanbr1@gmail.com

<sup>2</sup> Manuela Souza - Estudante de Graduação em Psicologia (UFN); manuusouzamachado@gmail.com

<sup>3</sup> Luciane Najar Smeha - Docente do curso de Psicologia (UFN); lucianenajar@yahoo.com.br

A SD resulta de uma alteração genética causada pela trissomia do cromossomo 21. Pessoas com essa alteração apresentam atraso no desenvolvimento global desde bebês, acarretando em deficiências intelectuais, motoras e, sobretudo, de linguagem. Nesse sentido, crianças com SD apresentam atrasos no processo de aquisição da linguagem e deficiências no desenvolvimento de aspectos formadores da linguagem. Essa defasagem linguística e fonética prejudica a fluência da fala, interferindo, assim, na performance psicossocial das pessoas com SD (RANGEL; RIBAS, 2011).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo identificar aspectos importantes da linguagem verbal nas pessoas com síndrome de Down. A relevância deste estudo se justifica pela importância da habilidade linguística para a interação social e organização do pensamento, sendo necessário o conhecimento sobre as particularidades da SD para promover integração, reduzir preconceitos, incentivar estudos e intervenções para a estimulação dessa importante habilidade humana.

## **2. METODOLOGIA**

A prática de estágio aconteceu por meio do método de observação simples, caracterizado por ser um procedimento em que o pesquisador permanece alheio ao grupo, atuando mais como um espectador do que um ator (GIL, 2008). Os registros das observações foram feitos durante a proposta pelo Estágio Básico I, conforme a grade curricular do curso de Psicologia da Universidade Franciscana - UFN.

A proposta do estágio foi a observação de um grupo operativo de adultos com síndrome de Down (SD), membros da Associação Bem Viver de Santa Maria - RS. Os encontros foram realizados de forma online, pela plataforma *Google Meet*, em razão da pandemia de Covid-19, durante o primeiro semestre de 2021, com frequência semanal e coordenados por duas professoras do curso de Psicologia da UFN. Os estagiários observaram os grupos acontecendo e construíram relatórios semanais, os quais foram analisados para a construção deste estudo.

Inicialmente, por meio de leituras flutuantes, foram destacados todos os registros sobre a linguagem no documento denominado relatório de estágio. Após, buscou-se referências na literatura já publicada sobre o tema, especialmente artigos científicos e livros, tendo como foco principal a compreensão da descrição dos relatórios,

interpretação e atribuição de significados aos fenômenos observados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Os estudos selecionados partiram de buscas de caráter não sistemático, com vistas a alicerçar as observações registradas sobre a linguagem.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A habilidade comunicativa tem importante influência no sucesso das interações sociais do indivíduo. Ademais, a linguagem é uma habilidade humana que permite a representação do pensamento por meio de um sistema simbólico: a língua. Esse código linguístico, por sua vez, compõe-se por dimensões como a fonética-fonologia, a sintaxe, a semântica, a morfologia e a pragmática (RANGEL; RIBAS, 2011). A dimensão pragmática da linguagem tem especial relevância para o objetivo deste artigo, pois refere-se ao uso social da língua, por meio da troca de informações em diálogos. Nesse sentido, a criança com SD tem seu desenvolvimento linguístico afetado, sobremaneira, na função expressiva, ou seja, apesar de haver compreensão linguística, a manifestação desse entendimento por meio de palavras ocorre com atraso em comparação com crianças sem a síndrome (FERREIRA; FERREIRA; OLIVEIRA, 2010). Essas perturbações no discurso iniciadas na infância, entretanto, repercutem na vida adulta.

Os principais fatores relacionados ao transtorno de linguagem característico da SD são: “comprometimento cognitivo, dificuldade de memória de curto prazo, prejuízo na qualidade da interação criança-mãe, atraso no desenvolvimento psicomotor, alterações neurológicas, do sistema estomatognático, auditivas e visuais” (SENO; GIACHETI; MORETTI-FERREIRA, 2014, p. 1312). As pessoas com SD costumam apresentar maior facilidade na linguagem receptiva do que na linguagem expressiva, frequentemente demonstrando dificuldades com demarcação de tempos verbais, emprego de gênero e relação sujeito-verbo (BARBOSA et al., 2018).

Segundo Rangel e Ribas (2011), a fala nos sujeitos com SD é frequentemente marcada por interrupções de fluência, sendo comum a apresentação de disfluência e gagueira, as quais costumam se manifestar na fase de aquisição da linguagem e se perpetuar até a vida adulta. De fato, a literatura aponta para uma prevalência média de gagueira em 3% das crianças com deficiência intelectual, para apenas 1% da população geral, além do comprometimento intelectual nas pessoas com SD estar diretamente

relacionado a uma maior prevalência média de gagueira em comparação com a população geral (SENO; GIACHETI; MORETTI- FERREIRA, 2014).

Algumas características motoras típicas da SD fazem com que os sujeitos tenham mais dificuldade na fala, ao exemplo da hipotonia muscular, responsável pela presença de um desequilíbrio na força dos músculos da boca e face que acaba por ocasionar “alterações na arcada dentária, projeção do maxilar inferior e posição inadequada da língua e dos lábios, com a boca aberta e a língua para fora” (RANGEL; RIBAS, 2011, p. 23), prejudicando a articulação dos fonemas e a coordenação dos movimentos. Além disso, dificuldades em sucção, mastigação e deglutição, recorrentes em pessoas com SD, também afetam a articulação dos movimentos e a fala expressiva (BARBOSA et al., 2018).

Por mais que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem fiquem comprometidos nos sujeitos com SD, o mero diagnóstico não é suficiente para determinar o grau da deficiência intelectual (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015). Nesse sentido, as diferenças na capacidade de resposta e desenvolvimento das crianças com SD são influenciadas pelas oportunidades disponíveis, qualidade do ambiente e da educação nos primeiros anos de vida, pelas interações sociais e experiências possibilitadas. Destaca-se a importância da intervenção fonoaudiológica para o desenvolvimento da linguagem na SD, contribuindo para a estimulação da plasticidade cerebral quanto mais precocemente for iniciada (REGIS et al., 2018).

Nesse sentido, notou-se, durante os encontros do grupo de pessoas com SD, as dificuldades de comunicação decorrentes da deficiência na linguagem. Isso porque a maioria dos integrantes do grupo apresentam algum grau de prejuízo perceptível na articulação verbal das frases, apesar de demonstrarem uma boa assimilação do que ouvem e terem sucesso em se fazerem compreender. Além disso, percebe-se, na prática, a diversidade na forma em que a deficiência se manifesta entre os membros do grupo no que tange ao grau de prejuízo no desenvolvimento intelectual e da linguagem, pois algumas pessoas apresentaram menor fluência do que outras. Exemplo disso é a permanência da gagueira na oralidade, de variada intensidade entre os integrantes, na idade adulta. A gagueira é uma das dificuldades observadas em todos os encontros, como um fenômeno comum aos participantes. Além disso, a comunicação de um dos jovens é menos fluente em comparação aos demais. Entretanto, o mesmo demonstra

bastante empenho em se fazer escutar e ser compreendido, repetindo o que diz quantas vezes forem necessárias e participando de todos os assuntos. Nesse esforço, foi interessante perceber o auxílio de outros participantes que buscavam intermediar o entendimento do colega em alguns momentos. Somente uma jovem não apresenta interrupções em seus turnos de fala, nem dificuldades prosódicas, entretanto dialoga pouco nos encontros por iniciativa própria em comparação aos demais.

Além disso, observou-se, em todos os encontros, dificuldades sintáticas na fala com predomínio de frases curtas e simples, muitas vezes reduzidas a palavras-chave constituintes de núcleos importantes para o entendimento do que se está tentando expressar, como substantivos, verbos e adjetivos, excluindo-se outros termos com aparente finalidade de comunicar brevemente, sem complexar os argumentos. Exemplos dessas simplificações são observados em falas em um encontro virtual, cujo tema foi felicidade, em que se disse “casa pastel”, em vez de dizer “Casa do Pastel”(nome de um restaurante da cidade), e também “Eu gosto muito do fulano, meu amigo da Escola, tampinha, lacre, campanha”, expressão a qual foi compreendida pela professora, mediadora do grupo, como: ajudar o amigo, de quem gosta muito, em sua campanha de arrecadar tampinhas e lacres, o faz feliz. Observações como essa ilustram como o desenvolvimento da organização gramatical permanece deficitário mesmo com o avanço da idade e da escolarização. Conforme Tristão e Feitosa (1998) é comum que o tamanho médio das frases aumente na adolescência, mas que permaneçam deficientes em flexão verbal, uso de pronomes, preposições e conjunções. No entanto, esclarece que a funcionalidade da comunicação de adolescentes e adultos com SD se mantém, apesar de apresentarem prejuízos na organização de frases sintáticas e complexas, sendo comum, assim, a presença de frases curtas e simples.

A estimulação eficaz do processo de desenvolvimento da linguagem pela família é um fator crucial para seu avanço. Em um estudo realizado com 30 famílias com crianças com SD na faixa etária entre 5 e 10 anos e 11 meses, todos atendidos pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Belo Horizonte (MG), buscou-se investigar quais os recursos da vida familiar que podem influenciar o desempenho comunicativo de crianças com SD (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015). A análise dos dados apontou para uma correlação positiva entre diversidade nas atividades realizadas em tempo livre com a criança e uso da função comunicativa performativa, relacionada ao

uso de simbolismo e capacidade de representar. Um ambiente familiar mais organizado e com rotina bem definida foi identificado como fator de aumento do uso do meio comunicativo verbal. Da mesma forma, a supervisão frequente das atividades escolares da criança associou-se a um aumento do uso do meio comunicativo verbal e gestual pelas crianças, e da função comunicativa de reconhecimento do outro. Um aumento no uso da função narrativa foi identificado em ambientes com maior disponibilidade e diversidade de jornais e revistas, além de estar associado a uma maior quantidade de atividades programadas realizadas pelas crianças. O estudo revelou ainda que não só a intervenção terapêutica, como também outras atividades como natação, aulas de música e atendimento em grupos podem auxiliar na aquisição da linguagem das crianças com SD.

Na perspectiva da estimulação na infância, em relação ao grupo de adultos com SD observado, não foi possível analisar o desenvolvimento infantil dos participantes, pois não foram relatadas informações a esse respeito, entretanto, percebe-se que são sujeitos oriundos de famílias de classe média, que frequentaram escolas convencionais de ensino fundamental e médio. Além disso, todos fazem parte da associação que costuma promover encontros de grupo periódicos e outros eventos, como confraternizações, que podem ser encarados como atividades de socialização estimulantes para o exercício da comunicação. Outra atividade, em comum, realizada por todos, são aulas de dança em grupo e em Centros de Tradições Gaúchas. Acrescenta-se a isso aulas de música que alguns integrantes praticam, como o teclado, e a participação de um clube recreativo da cidade que oferta atividades poliesportivas e de lazer o qual a maioria deles frequentava.

Sendo assim, percebe-se que esse grupo é composto por sujeitos que participam de atividades variadas que incentivam e exercitam a linguagem e a cognição. No entanto, em decorrência da pandemia de Covid-19, muitas dessas atividades precisaram ser suspensas, desse modo, os integrantes têm passado a maior parte do seu tempo em casa, interagindo virtualmente por meio dos encontros do grupo no *Google Meet*. Diante disso, reflete-se sobre a importância da manutenção desses encontros, ainda que *online*, como uma forma de estímulo à prática discursiva, contribuindo para a prevenção de seu declínio. Contudo, é importante considerar que apesar de todos terem concluído a escola, a maioria do grupo não é alfabetizada, apenas um jovem do grupo tem facilidade

com leitura, por exemplo. Sendo assim, percebe-se que a estimulação apresenta limitações na SD.

Segundo Mayer, Almeida e Lopes-Herrera (2013), ainda que o desenvolvimento cognitivo das crianças com SD seja superior ao desenvolvimento da linguagem, o que explica a importância da linguagem não-verbal na comunicação, as alterações nas habilidades cognitivas influenciam a forma como interagem nos ambientes, fazendo com que, no geral, atuem de forma mais passiva. Um estudo realizado pelas autoras analisando a interação comunicativa entre 5 díades de mães e filhos com SD, estando estes na faixa etária entre 6 e 10 anos de idade, identificou que as mães participantes tendiam a ser bastante diretivas, exercendo um controle maior sobre a situação comunicativa, iniciando e propondo os tópicos das interações e, conseqüentemente, atribuindo um papel passivo para as crianças durante a conversação. Tendo em vista que quanto maior o comprometimento cognitivo e de linguagem, mais passiva frente às situações de comunicação a criança será, a atitude das mães do estudo pode ser entendida como pouco estimulante para o desenvolvimento dos filhos.

Em contrapartida, o estudo apontou que a adequação ao nível de linguagem da criança, usando vocabulário apropriado, que não seja muito sofisticado, nem muito simples, e criar oportunidades de diálogo são comportamentos que auxiliam no processo de desenvolvimento da linguagem. No grupo de jovens observado, era notável a interferência de algumas mães nesse sentido, em especial as mães de dois integrantes. No caso de uma participante, foi possível notar uma dinâmica vincular muito próxima, fazendo com que a mãe dissesse a ela o que deveria responder ao grupo e que ela, por sua vez, buscasse confirmação quase que constante na mãe para suas falas. À medida que os encontros foram acontecendo, foi possível observar uma tentativa da mãe de interferir menos no momento do grupo, retornando as perguntas para a filha quando a indagava sobre o que deveria responder.

Já no caso do outro integrante, foi possível notar certa ansiedade na mãe por explicar detalhes de situações que o filho trazia para o grupo, como quando contava sobre uma cirurgia no joelho que teria de fazer e a mãe apareceu ao seu lado avisando que precisava “falar direitinho”, explicando com suas palavras o que o filho mencionara. Vale ressaltar que a situação pandêmica, com a imposição do isolamento social, pode ter alterado a dinâmica familiar de forma a restringir o contato com outras pessoas, o que

pode indicar, acima de tudo, uma necessidade de interação das mães nos comportamentos citados acima.

Por fim, ressalta-se que a dificuldade na comunicação pode acarretar dificuldades no desenvolvimento afetivo da pessoa com SD quando esta não consegue sucesso em comunicar o que deseja nas interações ou mesmo externalizar suas emoções através da expressão verbal (RODRIGUES; ALCHIERI; COUTINHO, 2010). Assim, a linguagem se coloca como um fator crucial para a construção de relações afetivas duradouras. No contexto do grupo, foi possível observar que, por vezes, os participantes não conseguiam compreender as falas de um jovem, o qual possui um desempenho linguístico mais avançado em comparação com os demais, especialmente no que tange ao uso de metáforas e linguagem simbólica, fazendo com que ele aparente certa desconexão do restante do grupo, chegando mesmo a dizer que nunca é compreendido no que diz.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das informações teóricas coletadas para compreender e embasar as observações acerca da interação no grupo, nota-se que a linguagem verbal é uma das áreas do desenvolvimento mais afetadas pela SD, sendo a gagueira um fenômeno bastante comum e observável, além das frases curtas, algumas vezes resumidas em poucos termos. Sintetiza-se que os prejuízos no desenvolvimento da fala se manifestam de forma diversa e estão relacionados com deficiências na musculatura do aparelho fonador, limitações nos demais sentidos, como audição e visão, e com o déficit cognitivo.

Em razão da habilidade comunicativa ser importante para a inclusão social, tornam-se necessários os trabalhos de estimulação precoce com fonoaudiologia e no cotidiano, desde os primeiros meses do bebê, por meio da diversidade de atividades e estímulo à interação social. Apesar de beneficiar o desenvolvimento linguístico, entretanto, a estimulação encontra limites na SD, ou seja, não se pode esperar que, com a estimulação adequada, atinja-se uma prosódia correta. Contudo, essas atividades promovem avanços e previnem declínios.

Por fim, considera-se que a experiência do grupo virtual de adultos com SD resulta em uma atividade de exercício da habilidade comunicativa, já que, no decorrer do semestre, a participação ativa dos integrantes nas conversas aumentou, incluindo a



iniciativa para falar. Essa prática foi relevante, especialmente no contexto pandêmico, por contribuir para a socialização e prevenção do declínio da habilidade linguística dessas pessoas que tiveram suas atividades habituais suspensas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. et al. Contribuições da Fonoaudiologia na inserção de pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho. **Revista CoDAS**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 1-8, 2018.

FERREIRA, D.; FERREIRA, W.; OLIVEIRA, M. Pensamento e linguagem em crianças com síndrome de Down: um estudo de caso da concepção das professoras. **Ciênc. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 216-227, ago. 2010.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAYER, M.; ALMEIDA, M.; LOPES-HERRERA, S. Síndrome de Down Versus Alteração de Linguagem: Interação Comunicativa Entre Pais e Filhos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n. 3, p. 343-362, jul./set., 2013.

PEREIRA, L.; OLIVEIRA, E. Influência do entorno familiar no desempenho comunicativo de crianças com síndrome de Down. **Rev. CEFAC.**, v. 17, n. 1, p. 177-183, 2015.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RANGEL, D.; RIBAS, L. Características da linguagem na síndrome de Down: implicações para a comunicação. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, ano 3, p. 18-29, set., 2011.

REGIS, M. et al. Estimulação fonoaudiológica da linguagem em crianças com síndrome de Down. **Rev. CEFAC.**, v. 20, n. 3, p. 271-280, mai./jun., 2018.

RODRIGUES, E.; ALCHIERI, J.; COUTINHO, M. A afetividade de crianças e jovens com

Síndrome de Down: um estudo sobre as percepções de pais e de professores. In: **Revista CES Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 79-98, jul./dez., 2010.

SENO, M.; GIACHETI, C.; MORETTI-FERREIRA, D. Linguagem narrativa e fluência na síndrome de Down: uma revisão. **Rev. CEFAC.**, v. 16, n. 4, jul./ago., 2014.

TRISTÃO, R. M.; FEITOSA, M. A. G. Linguagem na Síndrome de Down. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 14, N. 2, p.127-137, Mai-Ago. DF: Brasília, 1998.